

RUA SANTOS FUTEBOL CLUBE

Decreto nº 7019 de 30-03-1982, Artigo 1º, Inciso XXIX

Formada pela rua 57 do Conjunto Habitacional Monsenhor Luis Fernandes de Abreu - DIC I

Início na rua Carlos Roberto Gallo

Término na divisa do loteamento

Conjunto Habitacional Monsenhor Luis Fernandes de Abreu - DIC I

Obs.: Decreto assinado pelo Prefeito Municipal Francisco Amaral. Protocolado nº 38.013 de 22-12-1981 em nome de Prefeito Municipal.

SANTOS FUTEBOL CLUBE

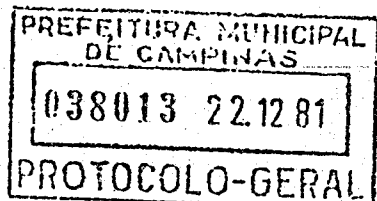
Raimundo Márques, Mário Ferraz de Campos e Argemiro de Souza Júnior passaram semanas escrevendo cartas, convidando amigos e conhecidos para a fundação de um clube de futebol na cidade de Santos. Reunidos no salão do Clube Concórdia, Raimundo Marques explicou suas idéias, expôs seus pontos de vista e perguntou aos cerca de 40 presentes se não achavam boa idéia fundar um clube. Diante da aprovação e após três ou quatro palpites aceitaram o nome: Santos Football Clube. Eram 10 horas da noite de 14 de abril de 1912. Com o campo na avenida Ana Costa, fez seu primeiro jogo diante do Santos Athletic Club, clube de origem britânica, vencendo por 3 x 2, tendo Arnaldo Silveira marcado o primeiro gol oficial. No mesmo ano recebeu convite da Liga Paulista de Futebol para participar do Campeonato Paulista, na época disputado só por clubes da Capital. Dois jogos antes de terminar o campeonato pediu licença, sob a alegação de serem as viagens caras para São Paulo. No final de 1914 filiou-se à APEA para voltar a disputar o Campeonato Paulista. Porém, o primeiro título somente conseguiu em 1935: Campeão Paulista de Futebol. Depois desse, o Santos ficou 21 anos à espera de novo título de Campeão Paulista. Em 1956 foi bi-campeão. Nesse ano, chegava à Vila Belmiro, um crioulo magrinho, vindo de Baurú, apelidado de Pelé, que ajudaria o Santos a mudar totalmente a sua história. A partir de então, o Santos passou a colecionar títulos: Campeão Paulista de 1958, 1960, 1961, 1962, 1964, 1965, 1967, 1968, 1969, 1973 e 1979. Campeão do torneio Rio-São Paulo nos anos de 1959, 1963, 1964 e 1966 e da Taça Brasil de 1961 a 1964. Fez várias excursões, ganhou muitos dólares e trouxe taças e troféus de todas as partes do mundo, principalmente depois de tornar-se bi-campeão sul-americano e mundial em 1962 e 1963.



Prefeitura Municipal de Campinas

Campinas, 17 de dezembro de 1981

G.O.A.R.



À

C.O.A.R.

CONSIDERANDO que todos os esportes praticados no País, o futebol é o mais popular;

CONSIDERANDO que a popularidade do futebol brasileiro, por numerosas vezes, foi além das nossas fronteiras, realçando aos olhos de todo o mundo a pujança esportiva de nossa Pátria;

CONSIDERANDO que Campinas está devendo ao seu futebol, que presentemente se ombreia ao dos maiores centros do País;

CONSIDERANDO que quando o Guarani F.C. conseguiu o título de Campeão do Brasil, em 1978, anunciei que a cidade lhe renderia uma homenagem;

CONSIDERANDO que também a A.A.Ponte Preta tem projetado o nome de Campinas, cedendo diversos de seus profissionais à Seleção Brasileira;

CONSIDERANDO que o atleta Jorge Mendonça, do Guarani F.C., é o artilheiro máximo do Brasil, em 1981, em campeonatos oficiais;

CONSIDERANDO que o Santos F.C., em outras épocas, e o C.R. Flamengo, recentemente, conseguiram o título máximo mundial do certame inter-clubes, solicito sejam descritas as 27 vias do Núcleo Habitacional "Dr. Antonio Mendonça de Barros" para serem denominadas:

Hélio Miguel (Neneca) - Mauro de Campos Junior (Mauro), Edson Gomes Bonifácio (Edson) - Donizeti M. Onofre (Miranda) - José Carlos Bernardo (Zé Carlos) - Zenon de Souza Faria (Zenon) - Carlos Renato Frederico (Renato) - Rodolfo Carlos de Lima (Capitão)

./.



Prefeitura Municipal de Campinas

--2--

Antonio de Oliveira Filho (Careca) - Luiz Augusto de Aguiar (Bozô)
Jorge Pinto Mendonça (Jorge Mendonça) - Carlos Roberto Galo (Car-
los) - Alcides Fonseca Junior (Juninho) - José Luís Santana (Nenê)
Santos F.C., bi-campeão mundial de clubes - Raul Guilherme Plass-
man (Raul) - José Leandro Souza Ferreira (Leandro) - Cláudio Fi -
gueiredo Diz (Figueiredo) - José Carlos Necomusenor (Mozer) - Leo
vegildo Lins Gama Junior (Junior) - Jorge Luiz Andrade (Andrade)-
Adílio de Oliveira Gonçalves (Adílio) - Arthur Antunes Coimbra (Zi
co) - Milton Queirós da Paixão (Tita) - João Batista Nunes (Nunes) -
Antonio Nunes (Lico).

Na oportunidade, com protestos de es-
tima e consideração, subscrevo-me.

Atenciosamente

FRANCISCO AMARAL

PREFEITO MUNICIPAL

AP/selma.-

RUA SANTOS FUTEBOL CLUBE



DECRETO N.o. 7019 DE 30 DE MARÇO DE 1982

DÁ DENOMINAÇÃO A VIAS PÚBLICAS DO MUNICÍPIO DE CAMPINAS.

O Prefeito do Município de Campinas, usando das atribuições que lhe são conferidas pelo item XIX do artigo 39 do Decreto-lei Complementar Estadual N.o. 9, de 31 de dezembro de 1969 (Lei Orgânica dos Municípios),

DECRETA:

Artigo 1o. - Ficam denominadas as seguintes vias públicas do Conjunto Habitacional Monsenhor Luiz Fernando de Abreu:

I - RUA HÉLIO MIGUEL (NENECA) a Rua 2, com início na Avenida 2 do Parque Dom Pedro II e término na Rua 6 do loteamento.

II - RUA MAURO DE CAMPOS JÚNIOR (MAURO) a Rua 3, com início na Rua 10 e término na Rua 6 do mesmo loteamento.

III - RUA EDSON GOMES BONIFÁCIO (GOMES) a Rua 4, com início na Rua 8 e término na divisa do loteamento.

IV - RUA DONIZETE MIRANDA ONOFRE (MIRANDA) a Rua 5, com início na Avenida 2 do Parque Dom Pedro II e término na Rua 6 do loteamento.

V - RUA CARLOS RENATO FREDERICO (RENATO) a Rua 6, com início na Avenida 2 do Parque Dom Pedro II e término na Rua 12 do loteamento.

VI - RUA JOSÉ CARLOS BERNARDO (ZÉ CARLOS) a Rua 7, com início na Rua 4 e término na Rua 16 do loteamento.

VII - RUA RODOLFO CARLOS DE LIMA (CAPITÃO) a Rua 8, com início na Avenida 2 do Parque Dom Pedro II e término na Rua 7 do loteamento.

VIII - RUA ANTONIO DE OLIVEIRA FILHO (CARECA) a Rua 9, com início na Rua 3 e término na Rua 6 do loteamento.

IX - RUA ZENON DE SOUZA FARIAS (ZENON) a Rua 10, com início na Avenida 2 do Parque Dom Pedro II e término na Rua 6 do loteamento.

X - RUA LUIZ AUGUSTO DE AGUIAR (BOZÓ) a Rua 11, com início na Avenida 2 do Parque Dom Pedro II e término na Rua 6.

XI - RUA CARLOS ROBERTO GALLO (CARLOS) a Rua 12, com início na Avenida 2 do Parque Dom Pedro II e término na divisa do loteamento.

XII - RUA ALCIDES FONSECA JÚNIOR (JUNINHO) a Rua 13, com início na Rua 12 e término na Rua 16 do loteamento.

XIII - RUA JOSÉ LUIS SANTANA (NENÉ) a Rua 14, com início na Rua 12 e término na Rua 16 do loteamento.

XIV - RUA ANTONIO NUNES (LICO) a Rua 15, com início na Rua 57 e término na Rua 16 do loteamento.

XV - RUA GUARANI FUTEBOL CLUBE a Rua 16, com início e término na divisa do loteamento.

XVI - RUA JORGE LUIS DE ANDRADE (ANDRADE) a Rua 18, com início na Rua 30 e término na Rua 31 do loteamento.

XVII - RUA RAUL GUILHERME PLASSMAN (RAUL) a Rua 19, com início na Rua 28 e término na Rua 31 do loteamento.

XVIII - RUA JOSÉ CARLOS NECOMUSENOR (MOSER) a Rua 20, com início na Rua 32 e término na divisa do loteamento.

XIX - RUA JOÃO BATISTA NUNES (NUNES) a Rua 21, com início na Rua 28 e término na Rua 31 do loteamento.

XX - RUA CLUBE DE REGATAS FLAMENGO a Rua 24 com início na Rua 27 e término na Rua 32 do loteamento.

XXI - RUA EDSON ARANTES DO NASCIMENTO (PELÉ) a Rua 27, com início na Rua 17 e término na divisa do loteamento.

XXII - RUA CLAUDIO FIGUEIREDO DIZ (FIGUEIREDO) a Rua 28, com início na Rua 17 e término na Rua 24 do loteamento.

XXIII - RUA JORGE PINTO MENDONÇA (J. MENDONÇA) a Rua 29, com início na Rua 16 e término na Rua 25 do loteamento.

XXIV - RUA MILTON QUEIROZ DA PAIXÃO (TITA) a Rua 30, com início na Rua 17 e término na Rua 19 do loteamento.

XXV - RUA ARTHUR ANTUNES COIMBRA - (ZICO) a Rua 31, com início na Rua 17 e término na Rua 24 do loteamento.

XXVI - RUA ADÍLIO DE OLIVEIRA GONÇALVES (ADÍLIO) a Rua 32, com início na Rua 17 e término na Rua Nelson Barbosa da Silva.

XXXVII - RUA LEOVEGILDO LINS GAMA JÚNIOR (JÚNIOR) a Rua 46, com início na Rua 13 e término no balão de retorno

XXVIII - RUA JOSÉ LEANDRO SOUSA FERREIRA (LEANDRO) a Rua 56, com início na Rua 12 e término na divisa do loteamento.

XXIX - RUA SANTOS FUTEBOL CLUBE a Rua 57, com início na Rua 12 e término na divisa do loteamento.

XXX - RUA EDSON ALVES DE OLIVEIRA (EDSON) a Rua 58, com início na Rua 12 e término na divisa do loteamento.

Artigo 2o. - Este decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Campinas, 30 de março de 1982

DR. FRANCISCO AMARAL
Prefeito Municipal

DR. CARLOS SOARES JÚNIOR
Secretário dos Negócios Jurídicos

ENGo. JURANDYR POMPEO CAMPOS FREIRE
Secretário de Obras e Serviços Públicos

Redigido na Secretaria dos Negócios Jurídicos (Consultoria Técnico-Legislativa da Consultoria Jurídica), com os elementos constantes do Protocolado N.o. 38013, de 22 de dezembro de 1981, em nome do Prefeito Municipal, e publicado no Departamento do Expediente do Gabinete do Prefeito, em 30 de março de 1982.

DR. RUY DE ALMEIDA BARBOSA
Secretário-Chefe do Gabinete do Prefeito

O Santos Futebol Clube foi fundado a 14 de abril de 1912, na sede do Concórdia. Antes dele, outros clubes surgiram na cidade, mas nenhum conseguiu sobreviver. África Futebol Clube, Associação Esportiva Brasil e Concórdia foram nomes sugeridos para o Santos Futebol Clube.

O futebol começava a ser propagado pelo interior do Brasil, mas estava custando para chegar em Santos, onde apenas o remo e o ciclismo tinham disputantes e praticantes. Um dia, Henrique Porchat de Assis, o verdadeiro pai do futebol em Santos, reuniu amigos na praça e explicou o que era o futebol. Todos gostaram e fizeram o primeiro treino em novembro de 1902, para fundarem em janeiro de 1903 o Clube Atlético Internacional, que foi o primeiro clube na cidade. O entusiasmo foi tomando conta dos santistas e em maio do mesmo ano, apareceu o Esporte Clube Americano. Em 1910 acabou o Internacional e no mesmo ano o Americano transferiu sua sede para São Paulo. Santos ficava sem futebol. Os anos foram correndo e a idéia de fundar um clube em Santos ganhando corpo novamente.

TRÊS DESBRAVADORES

Aí então, entraram três jovens santistas, dispostos a dar à cidade um clube de futebol, que já àquela altura espalhava-se por todo o Brasil. Clubes surgiram em todos os recantos e eles não admitiam a possibilidade de Santos ficar de fora. Raimundo Marques, Mário Ferraz de Campos e Argemiro de Sousa Júnior lançaram a idéia. E partiram para a execução, convocando os interessados para uma reunião na sede do Clube Concórdia. Era o dia 14 de abril de 1912, data histórica da fundação de um dos maiores clubes de futebol do mundo. No dia da reunião, com todos os lugares tomados, Raimundo Marques tomou a palavra e explicou pormenorizadamente a intenção que ele e seus companheiros tinham: fundar um clube de futebol, para acompanhar o resto do país, onde o esporte vinha sendo difundido, ganhando forma e prestígio, reunindo jovens e velhos nos *fields*, onde verdadeiras reuniões sociais e esportivas estavam se efetuando. A aprovação foi geral. Não só os autores da idéia tinham vontade de fundar um clube de futebol. Todos que lá compareceram pensavam da mesma forma e juraram ali um pacto de dedicação e entusiasmo para que o objetivo fosse alcançado.

OS NOMES

Veio a primeira discussão, no próprio dia 14 de abril. Após a aprovação da fundação do clube, partiu-se para o nome. Houve várias idéias, sugestões as mais variadas. Primeiro houve quem sugerisse o nome de África Foot-ball Club. Não aprovado. No repique, um espírito mais

nacionalista sugeriu Associação Esportiva Brasil. Não se deve mexer com o nome do país, explicaram os mais sensatos. É uma responsabilidade muito grande, completaram. Veio outro: Concórdia FC, aproveitando que a reunião estava sendo realizada em sua sede. Mas logo houve a rejeição: se já existe um Concórdia, não poderá haver outro. E o impasse continuava, até que Antônio de Araújo Cunha lançou a idéia lá do fundo do salão: "Que tal nosso clube chamar-se Santos FC? É a nossa cidade, iremos divulgá-la por aí a fora e estaremos ao mesmo tempo homenageando-a, reunindo todos os seus habitantes num só objetivo." Não foi preciso votação. As palmas ecoaram em todo o salão e fora completado o nascimento da potência que mais tarde assombraria o Brasil e o mundo com seus feitos memoráveis. 14 de abril de 1912, no Clube Concórdia, para as glórias esportivas e delírio dos estádios, começou a vida do Santos Futebol Clube.

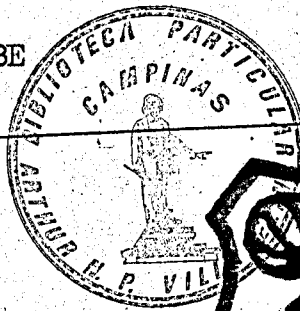
PRIMEIRA DIRETORIA

Já tarde da noite, mas ainda num ambiente de grande entusiasmo e euforia, os presentes estabeleceram formar a primeira diretoria, aproveitando os elementos mais experimentados e com mais tempo disponível, pois a fase de estruturação iria exigir o máximo de todos. E ficou assim formada a primeira diretoria do Santos FC:

Presidente: Sizino Patusca
Vice-presidente: George Cox
1.º Secretário: José Guilherme Martins
2.º Secretário: Raul Dantas
1.º Tesoureiro: Leonel Silva
2.º Tesoureiro: Dario Ferraz da Frota
Diretores: Raimundo Marques, Augusto Bulle, João Carlos de Melo, Henrique Cross, Cícero Lima Júnior e Camiro Faeter.

CAMISA DIFERENTE

Decidiu a primeira diretoria, que o uniforme do Santos seria tricolor: branco e azul com um friso amarelo entre as duas faixas largas. Mas não durou um mês a idéia e logo o Santos passou a ser alvinegro. Somente em junho, o Santos realizou seu primeiro jogo. Foi contra o *Teresa-Team*, formado com Fauvel, Simon e Ari; Bandeira, Ambrósio e Oscar; Bulle, Geraule, Esteves, Fontes e Anacleto. 2 x 1 para o Santos, com goals de Anacleto e Geraule. Estava definitivamente lançado o Santos Futebol Clube.



O primeiro escudo é o oficial do Santos. Na sua camisa estão ainda as duas estrelas de ouro pelos dois títulos mundiais. O escudo acima simboliza as vitórias mundiais.



Primeiro título paulista



Depois de muitos anos de briga, o Santos obteve o seu primeiro título em 1935. Craques como Ciro, Araken, Junqueira, Mário Pereira e outros brilharam na primeira conquista. Na foto, Ciro, Neves, Raul, Araken, Agostinho, Marteletti, Ferreira, Janguinho, Mário Pereira, Junqueira e Saci.

Esse time seria o iniciador das grandes conquistas do Santos, que a partir de 1955 iriam transformá-lo na maior equipe do Brasil e do mundo, com uma sequência de títulos em São Paulo, no Brasil, na América do Sul e no mundo todo, que daqui para a frente muito dificilmente algum outro clube poderá igualar. Foi a prévia da grande arrancada.



ARAKEN: UM DOS CRAQUES SANTISTAS

A primeira partida de Araken no certame de 1935 foi contra a Portuguesa. O Santos vinha de derrota e a entrada de Araken no ataque modificou completamente as características da equipe. Os santistas venceram de 3 a 1 e depois não perderam mais até a conquista do título. Araken foi uma das grandes figuras do Santos e um dos seus maiores jogadores até hoje. Sem dúvida alguma, no Santos de todos os tempos, existe uma vaga para ele.



Em 1935, o Santos sagrou-se pela primeira vez campeão paulista. Conseguiu boas campanhas anteriormente, mas o título ainda não fora alcançado, sem que as equipes desanimassem e seus dirigentes perdessem o entusiasmo. Todos sentiam que o dia do Santos estava para chegar. Em 1935, depois de memorável campanha, a cidade era transformada em festa com o grande feito. Reunindo jogadores de Santos e outras cidades, a equipe fortaleceu-se. Ganhou moral com vitórias importantes e acabou se consagrando. Foi incontável a sua vitória final e ninguém deixou de reconhecer que o título teria que ficar com a equipe da Vila Belmiro, pela sua grande regularidade em toda a temporada.

A CAMPANHA

O Santos estreou no certame de 35, no dia 2 de junho. O adversário seria dos mais difíceis: Palestra Itália, um dos mais fortes concorrentes ao título. A partida foi disputada na Vila Belmiro e o Santos venceu por 1 x 0, *goal* de Raul. Formou com Ciro, Neves e Badu; Figueira, Ferreira e Martelletti; Saci, Moran, Raul, Logu e Paulinho.

NOVA VITÓRIA

Uma semana depois, dia 9 de junho, o Santos foi enfrentar o Espanha, que mais tarde se chamaria Jabaquara. Partida no reduto do adversário, no Macuco, onde a equipe local crescia de rendimento e era difícil de ser batida. Mas o Santos estava ainda animado com a primeira vitória e assinalou 2 x 0 em seu segundo compromisso. *Goals* de Saci e Sandro, jogando assim: Ciro, Neves e Meira; Martelletti, Ferreira e Janguinho; Saci, Moran, Raul, Sandro e Paulinho.

GOLEADA

No terceiro jogo, o primeiro compromisso fora de Santos. Havia muita expectativa em torno do jogo, pois todos queriam sentir o potencial do Santos fora de casa. E quem duvidava não duvidou mais. Goleada de 5 x 1 sobre o Paulista, no Parque Antártica, com Sandro, 3, Logu e Zé Carlos marcando. Formou o Santos com Ciro, Neves e Badu; Martelletti, Ferreira e Janguinho; Saci, Moran, Sandro, Zé Carlos e Logu.

PRIMEIRA DERROTA

Já causava apreensão o Santos e o seu quarto jogo foi tratado com carinho. O adversário era o temível Coríntians e os santistas estavam contando como certa a vitória, pois a partida era na Vila Belmiro. Mas os coríntianos foram melhores e venceram por 2 x 1, marcando Saci o *goal* santista. Jogou o Santos com Ciro, Neves e Badu; Martelletti, Ferreira e Janguinho; Saci, Sandro, Delso, Mário Pereira e Logu.

REABILITAÇÃO

Mas veio logo a alegria para a torcida. Uma semana depois, no dia 7 de julho, o grande clássico local: Santos x Portuguesa. Movimentação nunca vista da torcida, que se dividia entre os dois clubes. O jogo estava sendo aguardado com maior interesse e entusiasmo. No final, Santos 3 x 1. Junqueira, Logu e Mário Pereira foram os artilheiros, assim formando a equipe: Ciro, Neves e Meira; Martelletti, Ferreira e Janguinho; Saci, Mário Pereira, Delso, Araken e Junqueira.

FIM DO TURNO

Na última partida do turno, o Santos viajou até a capital. Era um compromisso lido por todos como difícil pegar o Juventus em casa. Mas o Santos foi lá e não tomou conhecimento do adversário, conseguindo uma goleada de 4 x 1. Delso 2, Araken e Saci assinalaram os tentos da nova vitória e o Santos formou com Ciro, Neves e Meira; Martelletti, Ferreira e Janguinho; Saci, Mário Pereira, Delso, Araken e Junqueira.

RETORNO

Somente a 29 de setembro foi reiniciado o campeonato. E logo de início o Santos teve que ir até São Paulo para enfrentar um rival perigoso: o Palmeiras em pleno Parque Antártica. O resultado final foi um empate de 0 x 0, depois de muita luta das duas equipes. O Santos formou com Ciro, Neves e Meira; Martelletti, Ferreira e Janguinho; Saci, Mário Pereira, Delso, Araken e Logu.





OUTRA GOLEADA

Mais uma vez um jogo local. Santos x Espanha num prélio superesperado. Os torcedores do Espanha queriam a desforra do placar do turno, mas não houve chance: 4 x 1 para o Santos, com Junqueira 2; Mário Pereira e Delso marcando. Jogou o Santos com Ciro, Neves e Meira; Marteletti, Ferreira e Janguinho; Saci, Mário Pereira, Delso, Araken e Junqueira.

REPETIÇÃO

Duas semanas depois, no dia 20 de outubro, o Paulista foi recepcionado na Vila Belmiro. Fora goleado em São Paulo, de maneira que ninguém acreditava em resultado negativo. E o Santos confirmou, goleando por 5 x 2, goals marcados por Mário Pereira 2, Delso, Araken e Junqueira. A equipe alinhou com Ciro, Neves e Meira; Marteletti, Ferreira e Janguinho; Saci, Mário Pereira, Delso, Araken e Junqueira.

O CLÁSSICO

Contra a Portuguesa era a maior rivalidade local do Santos. E durante toda a semana só se falava no grande jogo, que seria travado no estádio Ulrico Mursa. E foi uma partida sensacional, com jogadas de grande sensação e goals es-

petaculares. No fim, ninguém chegou ao triunfo. 3 x 3 foi o resultado final, que diz bem do equilíbrio em toda a partida e da sua grande movimentação. Araken, Junqueira e Mário Pereira assinalaram os tentos e o Santos formou com Ciro, Neves e Meira; Marteletti, Ferreira e Janguinho; Saci, Mário Pereira, Delso, Araken e Junqueira.

PENÚLTIMO OBSTÁCULO

Veio o Juventus até a Vila Belmiro, animado para roubar pelo menos um ponto ao Santos e dar o título ao Corinthians. Ao Santos só a vitória interessava. E, num jogo difícil e nervoso, acabou conseguindo o triunfo, embora por placar duríssimo: 2 x 1, Junqueira e Saci marcaram os tentos e o Santos jogou com Ciro, Neves e Agostinho; Marteletti, Ferreira e Janguinho; Saci, Biruta, Delso, Araken e Junqueira.

CONSAGRAÇÃO

E foi o Santos até o Parque São Jorge para o seu último compromisso. Um empate e o título seria do Santos. Uma derrota e ficaria na dependência de Corinthians x Palestra. Jornada difícil e que para muitos era impossível de ser ultrapassada. O Corinthians em seu campo, e precisando como precisava do triunfo, era de assustar qualquer um. Mas o

Santos foi lá e para consagrar sua grande campanha devolveu com juros o placar de sua única derrota no campeonato: 2 x 0, com goals de Araken e Raul. A equipe foi esta: Ciro, Neves e Agostinho; Marteletti, Ferreira e Janguinho; Saci, Mário Pereira, Raul, Araken e Junqueira.

RESUMO

12 jogos, 9 vitórias, 2 empates e uma derrota. 32 goals pró e 12 contra. Os artilheiros foram Junqueira 6, Mário Pereira 5, Araken, Delso, Saci e Sandro 4, Logu e Raul 2 e Zé Carlos 1.



salão de belezas...



EM SANTOS HÁ
UM REVENDEDOR
"GAMADO" PELO FUSCA!

Na Mar Veículos, seu Volkswagen é tratado como gente, com muito carinho. Em ampla sede, uma das maiores e mais modernas da Baixada, seu Volks é "personalizado" com um número logo que entra, para ninguém perdê-lo de vista um só instante. E só põe a mão nele quem é realmente especializado em Volkswagen.

Agora, um novo serviço — Mar Veículos é o único revendedor da região que possui a moderníssima Cabina de Pintura Automotiva "Devilbiss" que dá ao Fusca aparência de zero km, com pintura sintética, sem polimento, exatamente igual à original.

PARA REVISÕES, REPAROS, PINTURA, AQUISIÇÃO FACILITADA DE VOLKSWAGEN EM SANTOS, PROCURE A MAR VEÍCULOS S.A., CAMPEÃ ABSOLUTA EM ATENDIMENTO, FACILIDADES E CORTESIA.

SINEX PROP.



MAR VEÍCULOS S.A.

RUA LUIZ DE CAMÕES, 114

TELS.: 3-0044, 3-0101, 3-1522 e 3-1647

REVENDEDOR
AUTORIZADO



Taça Brasil

Nesse torneio, o Santos conseguiu um de seus muitos títulos inéditos do futebol nacional: tetracampeão. Na verdade, por essa época — 1961/2/3/4 — o Santos tinha um time incomparável, certamente uma das mais perfeitas equipes de todos os tempos



Contra o Grêmio, em 1963, o Santos teve grandes atuações e os gols de Pelé ajudaram a conquistar o tri.

Uma hegemonia de quatro anos seguidos, na sua fase mais espetacular, mostrou o Santos como o dono do futebol brasileiro. Foram quatro conquistas sensacionais, cujas campanhas são dignas de registro.

1961

Campeão paulista de 60. O Santos classificou-se para disputar a Taça Brasil do ano seguinte. O primeiro jogo foi realizado no Rio. Estádio São Januário, diante do América, que fora o campeão carioca de 60. Olten Aires de Abreu o juiz e uma exibição primorosa do Santos. 6x2 sobre o campeão do Rio, em sua casa. Pepe 3, Pelé 2 e Coutinho. Formou o Santos com Laércio; Figueiró, Mauro e Dalmo; Zito e Calvet; Dorval, Mengálvio, Coutinho (Pagão), Pelé e Pepe. Aconteceu, então, o inesperado. Na segunda partida, na Vila Belmiro, o Santos era o favorito absoluto. Mas no final deu outra coisa: América 1x0. Necessário que houvesse a terceira partida. Marcada para o dia 21 de novembro no Pacaembu. Voltou o Santos a apresentar um futebol sério e que

traduzia a sua superioridade sobre o campeão carioca: 6x1. Arbitragem de Joaquim Silva. Pelé 2, Coutinho 2, Pepe e Dorval os artilheiros. Formou o Santos com Laércio; Lima, Mauro e Dalmo; Zito e Calvet; Dorval, Mengálvio, Coutinho, Pelé e Pepe. Na outra chave, o Bahia derrotava todos os seus adversários e classificava-se para a final mais uma vez. O Bahia vencera o Santos em 59, quando levou para a "Boa Terra" a Taça Brasil. Era a chance da réplica. Primeiro jogo, em Salvador: 1x1. Coutinho marcou o gol e Olten Aires de Abreu foi o juiz. O Santos alinhou com Laércio; Lima, Mauro e Dalmo; Zito e Calvet; Dorval, Tite, Coutinho, Pelé e Pepe. Vila Belmiro lotou para assistir à segunda partida. Uma vitória e a Taça Brasil era do Santos. Não deu outra coisa: 5x1. Arbitragem do baiano Balonozildo Lisboa e os gols santistas foram de Pelé 3 e Coutinho 2. Partida realizada dia 27 de dezembro, com o Santos formando assim: Laércio (Silas); Lima, Mauro (Olavo) e Dalmo; Zito e Calvet; Dorval, Tite (Mengálvio), Coutinho, Pelé e Pepe.

BICAMPEÃO

Em 1962, mais uma vez o Santos disputaria a Taça Brasil. Sua estréia foi no dia 12 de janeiro de 1963, porque era finalista e os jogos alongaram-se no calendário. O primeiro jogo foi com o Esporte do Recife. Jogo na capital pernambucana e o Santos, com um gol de Coutinho, empatou por 1x1. Armando Marques foi o árbitro e o Santos jogou com Gilmar; Olavo, Mauro e Hemilton; Zito e Dalmo; Dorval, Mengálvio, Coutinho, Pelé e Pepe. Quatro dias depois, no Pacaembu, a segunda partida. Apesar de muita luta, os pernambucanos, caíram por 4x0. Coutinho fez os quatro tentos da goleada, que também foi dirigida pelo melhor árbitro brasileiro: Armando Marques. Formou o Santos com Gilmar; Dalmo, Mauro e Hemilton; Calvet e Mengálvio; Dorval, Tite, Coutinho, Pelé e Pepe. Santos na finalíssima. Seu adversário seria o Botafogo, um dos maiores quadros brasileiros da época. O primeiro jogo foi no Pacaembu, no dia 31 de março de 63. Armando Marques na arbitragem. Vitória do Santos por 4x3, numa partida sensacional e movimentadíssima. Pepe 2, Coutinho e Dorval os artilheiros, jogando a equipe com Gilmar; Lima, Mauro (João Carlos) e Dalmo; Zito (Tite) e Calvet; Dorval, Mengálvio, Coutinho (Toninho), Pelé e Pepe. O segundo encontro foi efetuado no Maracanã. Vitória

sensacional do Botafogo por 3x1, com Rildo, que mais tarde seria do Santos, marcando contra o tento de honra santista. Catão Montez Júnior foi o árbitro e o Santos perdeu com Gilmar; Lima, Mauro e Dalmo; Zito e Calvet; Dorval, Mengálvio, Coutinho, Pelé e Pepe. Dia 2 de abril, Maracanã em festa. Era a final mais esperada de todos os tempos. O resultado final foi surpreendente. Santos 5x0, uma contagem que o equilíbrio de forças não podia admitir. Mas o Santos esteve insuperável. Pelé 2, Dorval, Pepe e Coutinho, os autores dos gols. O Santos goleou com a mesma equipe do segundo jogo. Apenas entrando Tite no posto de Zito, já nos minutos finais quando a torcida carioca não poupava aplausos para a exibição santista. Bicampeão do Brasil. A Taça continuava na Vila Belmiro.

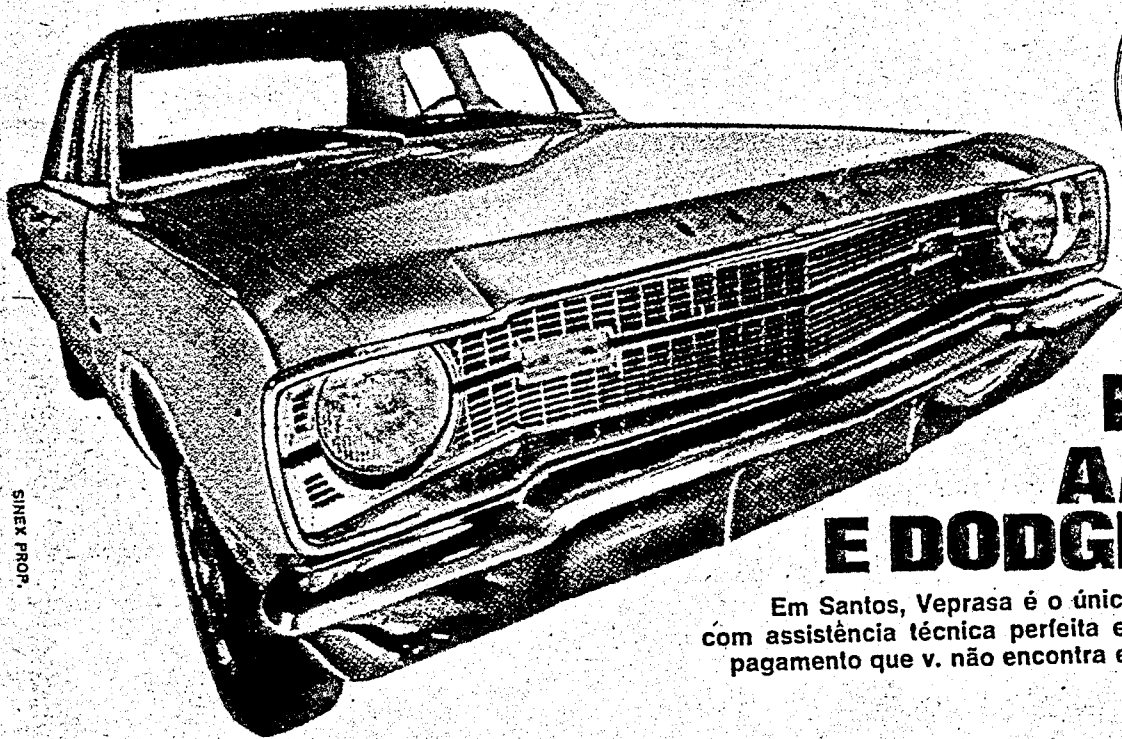
TRICAMPEÃO

No ano seguinte, o Santos campeão de São Paulo e voltando a disputar a Taça Brasil. Igual em tudo a disputa anterior. Era de 63, mas o Santos só jogou no começo de 64. E o primeiro jogo foi contra o Grêmio, lá em Porto Alegre. Nem isso serviu para conter o Santos: 3x1 sobre o tricolor dos pampas, com tentos de Coutinho 2 e Pelé. Eunápio de Queiroz foi o juiz e o Santos ganhou com Gilmar; Dalmo, João Carlos e Geraldino; Zito e Haroldo; Dorval, Lima, Coutinho, Pelé e Batista. Veio o se-

gundo jogo e quase uma surpresa. Estádio Municipal do Pacaembu, e quando o Santos acordou a partida já estava de 3x1 para o Grêmio. Reviravolta sensacional e no final não deu outra coisa: Santos 4x3. Gols de Pelé 3 e Pepe. Reação sensacional do Santos, que empolgou a torcida, jogando com Gilmar; Dalmo, João Carlos (Joel) e Geraldino; Zito e Haroldo; Batista, Lima, Coutinho, Pelé e Pepe. Final da Taça, mais uma vez, Santos e Bahia frente a frente. Primeiro jogo no Pacaembu, dia 25 de janeiro de 64. Goleada impiedosa do Santos: 6x0. Pelé 2, Pepe 2, Coutinho e Mengálvio. Arbitragem de Armando Marques. Equipe do Santos: Gilmar; Ismael, Mauro e Geraldino; Lima e Haroldo; Dorval, Mengálvio, Coutinho, Pelé e Pepe. Jogo número dois na Fonte Nova, com o Santos ratificando sua superioridade: 2x0. Gols de Pelé, ainda com Armando Marques na arbitragem. Formou o Santos com Gilmar; Ismael, Mauro e Geraldino; Lima e Haroldo (Joel); Dorval, Mengálvio, Coutinho, Pelé e Pepe.

TETRAMPEÃO

E veio a Taça Brasil de 1964. Desta vez o Santos jogando em 64 mesmo. Estreando no dia 18 de outubro. Adversário, o Atlético Mineiro, lá em Belo Horizonte. Goleada do Santos por 4x1, marcando Pepe 2, Pelé e Toninho. O Santos com Laércio; Lima, Mauro e Geraldino; Zito



SINEX PROF.



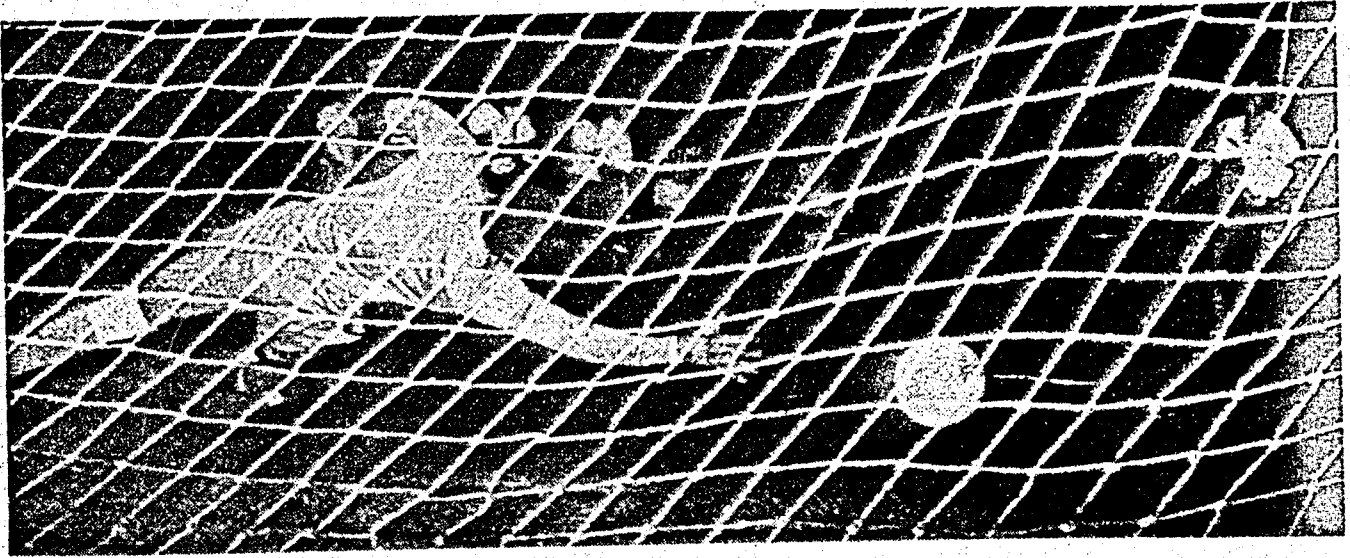
PAZ, AMOR... E DODGE DART

Em Santos, Veprasa é o único revendedor Chrysler, com assistência técnica perfeita e planos facilitados de pagamento que v. não encontra em nenhum outro lugar.

REVENDEDOR AUTORIZADO  CHRYSLER do BRASIL

VEPRASA • VEICULOS DAS PRAIAS S.A.

RUA OSWALDO CRUZ, 340 - ESCR. E VENDAS 3-2290, PEÇAS E SERVIÇOS 3-2040.
RUA COMENDADOR MARTINS, 232 - CAMINHÕES E ESPLANADA 2-4002.



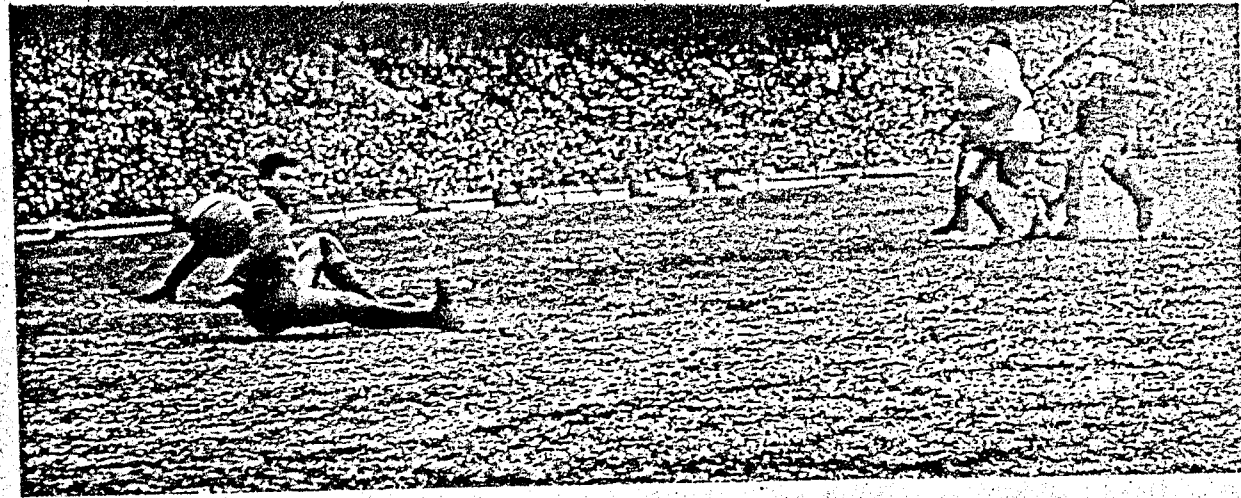
Contra o Bahia, em 63, o Santos abriu as finais com uma goleada de 6 a 0. Zito voltaria a erguer a Taça em 64.



e Joel; Peixinho, Mengálvio, Toninho, Pelé e Pepe. O segundo jogo foi no Pacaembu e o Santos só confirmou sua maior categoria. Venceu por 5x1, marcando Pelé 2, Toninho 2 e Peixinho. O Santos alinhou com Laércio; Lima (Aparecido), Mauro e Geraldino; Zito (Lima) e Joel; Peixinho, Mengálvio, Toninho, Pelé e Pepe. O adversário seguinte de casa: o Palmeiras, que desejava quebrar a longa série santista. Veio o primeiro jogo no dia 4 de novembro, no Pacaembu. Vitória do Santos por 3x2, com gols de Coutinho, Pelé e Pepe. O Santos com Gilmar; Ismael, Mauro e Geraldino; Lima e Zito; Toninho, Mengálvio, Coutinho, Pelé e Pepe. O Palmeiras devolveu o marcador e venceu por 3x2, em jogo válido pelo campeonato, três dias depois da disputa pela Taça Brasil. Animou-se para a segunda partida, mas o Santos impôs a sua maior categoria: 4x0, decidindo mais uma semifinal. Formou o Santos com Gilmar; Ismael, Mauro e Geraldino; Lima e Zito; Peixinho, Mengálvio, Coutinho, Pelé e Pepe. Os gols de Pepe 2, Peixinho e Coutinho. Decisão com o Flamengo, que vencera a outra chave. Primeiro jogo no Pacaembu e goleada do Santos por 4x1: Pelé 3 e Coutinho. Santos: Gilmar; Ismael, Modesto e Lima (Geraldino); Zito e Haroldo; Toninho, Mengálvio, Coutinho, Pelé e Pepe. Segunda partida no dia 19 de dezembro, no Maracanã: 0x0 e o Santos conquistava o tetracampeonato brasileiro. Formou com Gilmar; Ismael, Modesto e Geraldino; Zito e Haroldo; Toninho (Lima), Mengálvio, Coutinho, Pelé e Pepe.

RESUMO DO TETRA

20 jogos, 15 vitórias, 3 empates e duas derrotas. Gols pró: 68; gols contra: 22. Artilheiros: Pelé 24, Coutinho 19, Pepe 15, Toninho 3, Dorval 3, Peixinho 2, Mengálvio 1 e Rildo (contra) 1.



O lançamento de Coutinho foi perfeito e Pelé atirou entre Marzolini e Rattin para assinalar o gol da vitória do Santos sobre o Boca Júnior, na sensacional partida realizada em La Bombonera

Como campeão da Taça Brasil de 1961, o Santos participou da Taça Libertadores da América no ano seguinte. Sua estreia foi no dia 18 de fevereiro, em La Paz, diante do Deportivo Municipal. A partida foi difícil, com os santistas sentindo bem mais a altitude do que o adversário. No fim, uma dura vitória de 4x3, com gols de Lima, Mengálvio, Pagão e Tite. Jogou o Santos com Laércio; Getúlio, Olavo, Calvet e Zé Carlos; Lima e Mengálvio; Dorval, Pagão, Pelé e Osvaldo (Tite).

O antigo regulamento do torneio determinava que o confronto entre as equipes era eliminatório, com uma partida em cada sede. Assim, a 21 de fevereiro, o Deportivo Municipal veio jogar em Vila Belmiro. Desta feita em casa e com a equipe completa, o Santos não teve maiores problemas para golear o campeão boliviano por 6x1, tentos de Pagão 2, Dorval 2, Coutinho e Pepe. A equipe praiana atuou com Laércio; Lima, Olavo, Formiga e Getúlio; Zito e Mengálvio; Dorval, Pagão, Pelé (Coutinho) e Pepe.

SEGUNDO COMPROMISSO

Após eliminar o Deportivo Municipal, a programação do torneio apontava o Cerro Porteño, campeão paraguaio, como o próximo adversário do campeão brasileiro. A primeira partida foi marcada para Assunção, no Estádio Sanjónia, a 25 de fevereiro. O resultado foi 1x1, com Dorval assinalando o gol do Santos. Apesar de haver realizado uma boa partida, o Santos sentiu a falta de Pelé, que se machucara no encontro anterior e não seguiu com a delegação para o Paraguai. Os santistas formaram com Laércio; Lima, Olavo, Calvet e Getúlio; Zito e Mengálvio; Dorval, Pagão (Tite), Coutinho e Pepe. Como determinava o regulamento o segundo jogo foi programado para o Estádio de Vila Belmiro no dia 28 de fevereiro. Apesar de Pelé estar liberado pelo departamento médico, o técnico Lula preferiu começar a partida com Laércio; Lima, Olavo, Calvet e Getúlio; Zito e Mengálvio; Dorval, Pagão, Coutinho e Pepe. Estava 1x1 no final do

primeiro tempo, quando Lula colocou Pelé em campo no lugar de Pagão. Minutos depois, o Santos desempatava e no segundo período liquidava o campeão paraguaio com uma goleada de 9x1. Coutinho 3, Pepe 3, Pelé 2 e Zito foram os artilheiros da partida. No final do jogo, Silas entrou na meta, pois Laércio se contundira.

TERCEIRO ADVERSÁRIO

O Santos chegava à semifinal. O adversário era a grande equipe chilena da Universidade Católica. O primeiro jogo marcado para o Estádio Nacional de Santiago foi sensacional e o Santos obteve um empate de 1x1. Lima marcou para os paulistas, que formaram com Gilmar; Lima, Mauro, Calvet e Dalmo; Zito e Mengálvio; Tite, Pagão, Dorval e Pepe. Com seu ataque bastante modificado pelas contusões de Pelé e Coutinho, o Santos não andou bem e o empate foi considerado um ótimo resultado. Mais uma vez, a decisão ficava para Vila Belmiro e o Santos confirmou o seu

favoritismo, ganhando de 1x0, ainda sem contar com Coutinho e Pelé. Zito foi o autor do único tento e o Santos formou com Gilmar; Lima, Mauro, Calvet e Dalmo; Zito e Mengálvio; Dorval, Pagão, Cabralzinho e Pepe. Gilmar e Mauro foram as novidades dessa fase, com os dois novos santistas dando maior firmeza ao sistema defensivo praiano.

FINAL

Um adversário dos mais difíceis esperava o Santos na final, o Peñarol, campeão uruguaio. Sem contar ainda com Pelé, o Santos disputava a primeira partida no Estádio Centenário, dia 28 de julho. Partida dramática e a sensacional vitória de 2x1, com tentos de Coutinho. O chileno Carlos Robles foi o árbitro e o Santos formou com Gilmar; Lima, Mauro, Calvet e Dalmo; Zito e Mengálvio; Dorval, Pagão, Coutinho e Pepe (Osvaldo). Outra vez a decisão ficava para Vila Belmiro e bastava apenas o empate para o Santos conquistar pela primeira vez para o futebol brasileiro a Taça Libertadores da América. O Estádio de Vila Belmiro estava lotado na noite de 2 de agosto e a arrecadação de Cr\$ 5.418.000,00 marcava novo recorde em Santos. O chileno Carlos Robles mais uma vez foi indicado pela Confederação Sul-Americana de Futebol para dirigir a partida e desta feita sua atuação foi desastrosa. A partida terminou com o empate de 3x3, mas em seu relatório, o árbitro comunicou que havia encerrado a partida com a vitória do Peñarol por 3x2 e só foi até o final do tempo regulamentar por receio de que fosse vítima de qualquer agressão, pois não havia garantias na Vila Belmiro. O empate do Santos veio nesse final de jogo, que foi bastante tumultuado. Dorval, Mengálvio e Pepe marcaram os tentos santistas. O Santos formou com Gilmar; Lima, Mauro, Calvet e Dalmo; Zito e Mengálvio; Dorval, Pagão, Coutinho e Pepe.

A DECISÃO

Campo neutro determinava o regulamento e assim, Buenos Aires foi a cidade escolhida para a grande decisão. No Estádio de Nuñez, do River Plate, lá estavam Santos e Peñarol para a terceira partida. O holandês Léo Horn foi o juiz e o Santos venceu fácil por 3x0, com Pelé retornando de maneira espetacular. O atacante foi autor de dois tentos, cabendo a Coutinho definir o marcador. O Santos foi campeão com Gilmar; Lima, Mauro, Calvet e Dalmo; Zito e Mengálvio; Dorval, Coutinho, Pelé e Pepe.

BICAMPEONATO

Para o certame de 1963, o título do ano anterior classificava automaticamente o Santos para a fase semifinal e, de acordo com o regulamento, ele teria que enfrentar o representante de seu país. Assim, a 22 de agosto, Santos e Botafogo estavam no Pacaembu para a primeira partida. Eunápio de Queiroz foi o

juiz e o Santos empatou com um tento de Pelé no final da partida, que terminou em 1x1. Jogou o Santos com Gilmar; Dalmo, Mauro, Calvet e Geraldino; Zito e Lima; Dorval, Coutinho, Pelé e Tite (Toninho).

O segundo encontro foi no Maracanã no dia 28 de agosto. Mais uma vez Eunápio de Queiroz foi indicado pela CBD para dirigir a partida e, desta feita, a sensacional goleada santista por 4x0, tentos de Pelé 3 e Lima. O Santos atuou com Gilmar; Dalmo, Mauro, Calvet e Geraldino; Zito e Lima; Dorval, Coutinho (Almir), Pelé e Pepe.

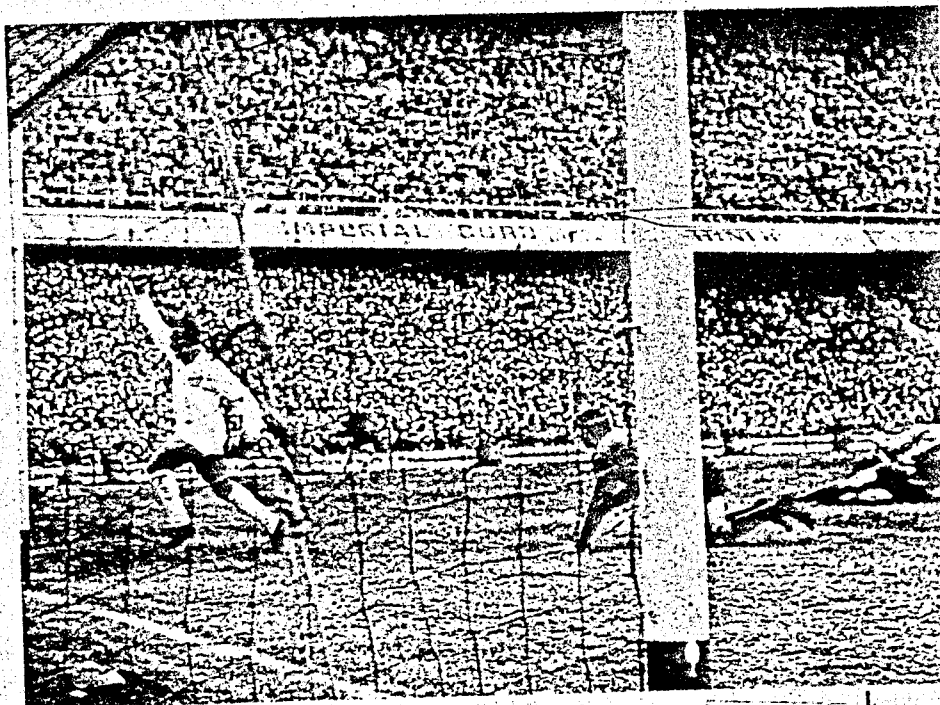
OUTRA DECISÃO

Para conquistar o bicampeonato da Libertadores da América, o Santos tinha que derrotar o Boca Juniors, campeão argentino. A primeira partida foi marcada para o Maracanã. A renda do encontro — Cr\$ 41.770.718,00 — marcava novo recorde no maior estádio do mundo em partida entre clubes. O francês Marcel Bois foi o árbitro e o Santos venceu de 3x2. Coutinho 2 e Lima foram os artilheiros praianos, que marcaram 3x0 e permitiram ao final do jogo a reação argentina.

No Estádio de La Bombonera, a segunda partida. O Santos partiu com a mesma equipe do Maracanã para a decisão. O primeiro tempo terminou em 0x0, mas logo no início da fase derradeira, Sanfilippo inaugurou a contagem. O delírio foi geral, mas as comemorações duraram pouco, pois Coutinho empatou e logo depois Pelé desempatava e dava o bicampeonato ao Santos. A equipe paulista formou com Gilmar; Dalmo, Mauro, Calvet e Geraldino; Zito e Lima; Dorval, Coutinho, Pelé e Pepe.



Coutinho e o lance do gol de empate contra o Boca Júnior em Buenos Aires

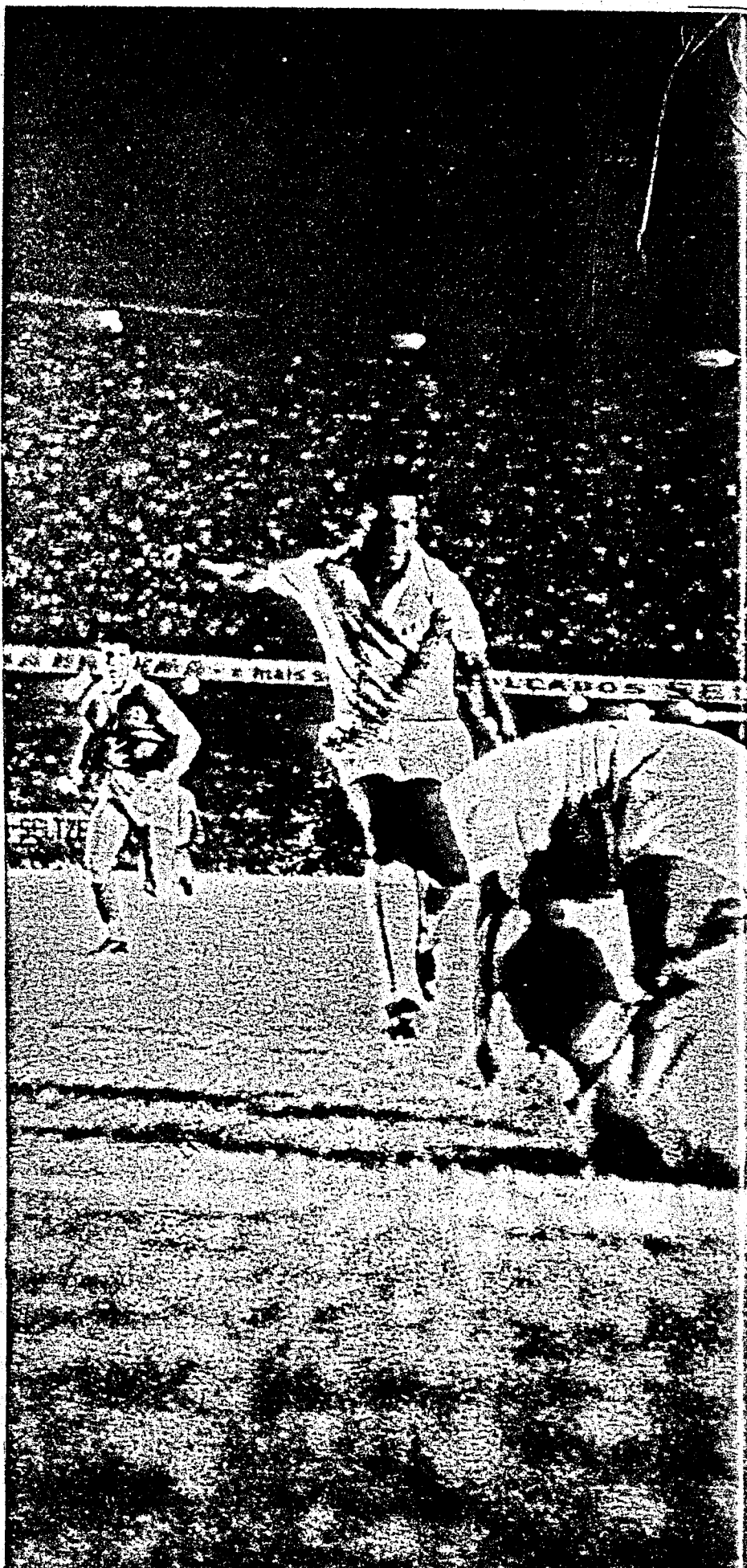


— Somente a cautela, um *libero* e muita disposição para correr atrás de Pelé e de seus companheiros poderá nos livrar de uma *catástrofe* no Maracanã. Se quisermos enfrentar o Santos de peito aberto, vamos levar uma goleada que ficará na história.

O comentário desesperado dos cronistas esportivos portugueses dá bem a dimensão do respeito que o Santos impunha no futebol mundial, no segundo semestre de 1962. Corria o mês de setembro e o Benfica, vencedor da Taça da Europa, classificara-se para a decisão do III Campeonato Mundial de Clubes contra o Santos, ganhador brilhante da Taça Libertadores das Américas. Apesar das boas atuações da equipe portuguesa, os jornais de Lisboa e os de toda a Europa não acreditavam que o seu representante tivesse alguma chance de vitória. Para os jogadores e dirigentes do Benfica, porém, as coisas não pareciam tão malparadas assim. O sorteio lhes fora favorável, pois indicara o Maracanã para a primeira partida. A segunda e decisiva, portanto, teria que ser jogada no Estádio da Luz. E se o Benfica ao menos arrancasse um empate no Rio poderia sonhar com o título, apoiado pela vibrante e barulhenta torcida do clube em Lisboa.

A HORA DA VERDADE

No dia 19, com 85.459 pessoas presentes ao Maracanã, o juiz Ruben Cabrera, do Paraguai, deu início ao jogo aguardado com tanta expectativa. O Santos colocara em campo a sua força máxima: Gilmar, Lima, Mauro, Calvet e Dalmo; Zito e Mengálvio; Dorval, Coutinho, Pelé e Pepe. O Benfica, disposto a tudo para conter os fulminantes ataques adversários, formava com Rita, Ângelo, Raul, Humberto e Cruz; Cavém e Coluna; José Augusto, Santana, Eusébio e Simões. Com Coluna fazendo o papel de *libero*, o time português sustentou o placar de zero a zero durante quase meia hora, fazendo com que a torcida carioca ficasse impaciente. Aos 29 minutos, entretanto, a retranca finalmente foi superada. Pepe, o homem do chute terrível, bateu com violência uma falta da intermediária. Rita, o goleiro, agarrou e largou, terminando por confundir-se com Raul e Humberto. Pelé, entrando como um raio, aproveitou o rebote para marcar o primeiro gol do Santos. No segundo tempo, logo aos 13 minutos, o Benfica empatou por intermédio de Santana. Os jogadores do Santos ficaram um tanto atordoados e foi Coutinho, em pontada individual, quem colocou sua equipe novamente em vantagem, aos 18 minutos. O público começara a deixar o Maracanã quando a tabelinha Pelé-Coutinho, tão vigiada durante a partida, funcionou com êxito: o relógio do árbitro paraguaio marcava 41 minutos e Pelé elevava o escore para 3 a 1. Os atacantes do Santos ainda comemoravam o gol quando novamente Santana, lança-



do em profundidade, livrou-se de Calvet para fixar o placar definitivo da partida — Santos 3 x 2 Benfica.

A ILUSÃO PERDIDA

O resultado do Maracanã foi tão apertado que fez com que as esperanças portuguesas renascessem para a partida marcada para Lisboa. Na verdade, não havia jogador do Benfica que não acreditasse numa vitória no Estádio da Luz e, consequentemente, numa *negra*, novamente em seu campo. E foi dentro desse clima de otimismo português que o time do Santos pisou o tratadíssimo gramado do estádio de Lisboa, na noite de 11 de outubro. O Santos formava com Gilmar, Olavo, Mauro, Calvet e Dalmo; Zito e Lima; Dorval, Coutinho, Pelé e Pepe. O Benfica, com duas alterações em relação à partida anterior, contava com Costa Pereira, Jacinto, Raul, Humberto e Cruz; Cavém e Coluna; José Augusto, Santana, Eusébio e Simões. O juiz, francês, era Pierre Schwinte.

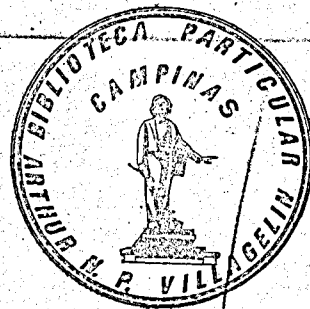
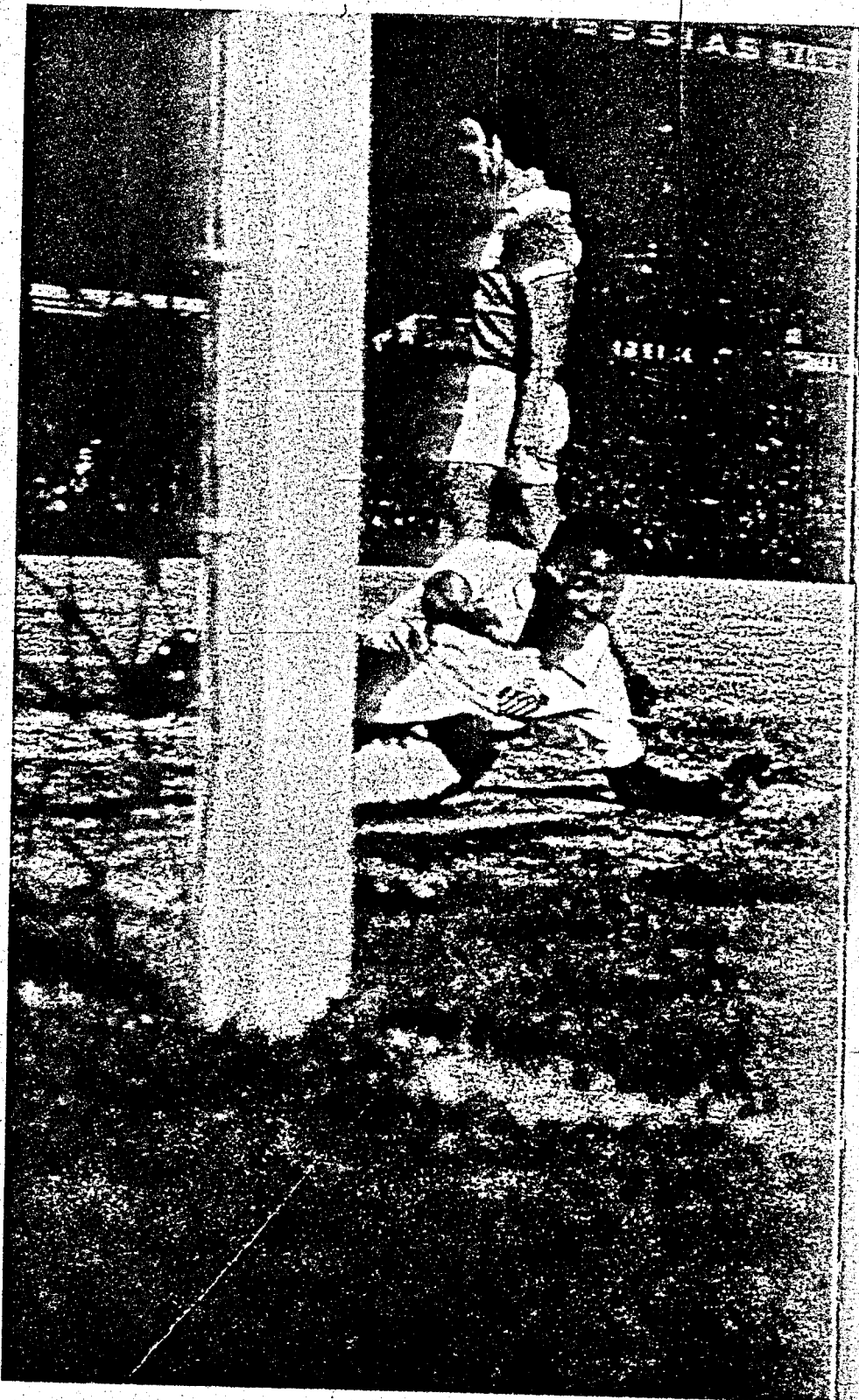
Aos 17 minutos, depois de driblar seu marcador Jacinto, Pepe chegou à linha de fundo e, de lá, cruzou forte e rasante para a área. Pelé, que vinha na corrida, saltou e de *carrinho* mandou a bola para dentro da baliza defendida por Costa Pereira. Dez minutos depois, aconteceu o gol sensacional: Pelé recebeu um passe na intermediária portuguesa e, com leves toques e dribles de corpo, foi passando por todos os que tentavam barrá-lo. Afinal, diante de Costa Pereira, chutou, o goleiro rebateu e ele emendou forte para colocar 2 a 0 no placar.

O segundo tempo foi uma festa para o Santos. Aos três minutos, recebendo de Pelé um cruzamento da linha de fundo, Coutinho marcou o terceiro gol. Aos 19, Pelé fez o quarto, aproveitando um novo rebote de Costa Pereira, e aos 31, ganhando um presente de Pelé, Pepe acertou um chute cruzado tão violento que o goleiro do Benfica nem chegou a ver por onde passou. Vencendo por 5 a 0, o Santos descuidou-se um pouco e nos últimos cinco minutos tomou dois gols — um de Eusébio, outro de Santana —, mas mesmo assim a vitória foi espetacular: Santos 5 x 2 Benfica. Quando o time de Pelé voltou a Vila Belmiro, trazia o título de campeão do III Mundial de Clubes. Nos dois jogos marcou 8 gols (Pelé 5, Coutinho 2 e Pepe) e sofreu 4.

GOLEADA EM MILÃO

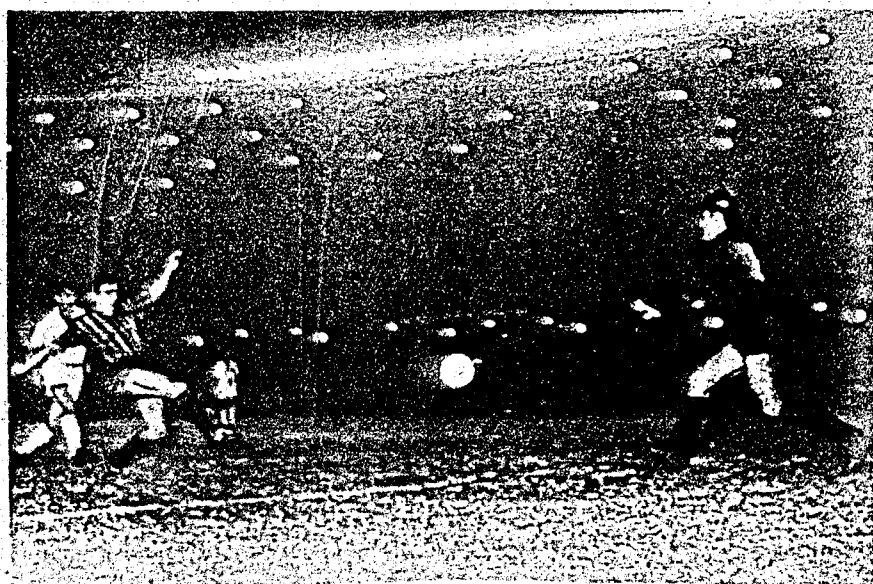
Muito diferentes dos educados portugueses eram os italianos, um ano depois, quando o Milan conquistou o título de campeão da Taça da Europa. Para eles, o Santos conseguiu o bicampeonato da Taça Libertadores das Américas porque enfrentara equipes medíocres e, sendo assim, seria inevitavelmente superado na final do IV Campeonato Mundial de Clubes. Empolgados com a vitória da seleção da Itália sobre a do Brasil, em maio de 1963, em Milão, os

No jogo de Lisboa, Pelé marca o primeiro gol (abaixo) aproveitando um passe de Pepe. O mesmo Pelé (página ao lado) fez o terceiro, depois de driblar toda a defesa.





Milan



jornalistas esportivos italianos estavam convencidos de que o futebol brasileiro, e o do Santos, andava em declínio. Não se pode negar, contudo, que eles tivessem suas razões para tão firmemente acreditarem nisso. Jogando uma partida não mais do que bisonha, a seleção brasileira perdera no Estádio de San Siro por 3 a 0. E no time da CBD jogavam nada menos do que sete integrantes do famoso Santos — Gilmar, Lima, Dorval, Mengálvio, Coutinho, Pelé e Pepe. *E se em mal jogaram tão mal — pensavam os italianos — como é que em outubro poderão melhorar?*

Na noite do dia 16, o Estádio de San Siro estava tomado por 80 mil torcedores entusiasmados, e o Santos, com seus jogadores vestindo camisas de mangas compridas, entrou em campo com esta escalação: Gilmar, Lima, Haroldo, Calvet e Geraldino; Zito e Mengálvio; Dorval, Coutinho, Pelé e Pepe. O Milan, com seus orgulhosos jogadores usando camisas vermelhas e pretas em listras verticais, formava assim: Ghezzi, David, Maldini, Trapatoni e Trebbi; Pelagali e Giani Rivera; Monra, Lodetti, Altafini e Amarildo — estes dois últimos antigos integrantes do Palmeiras e do Botafogo, respectivamente.

Parecendo sentir a pressão da torcida, o Santos começou jogando nervosamente. A defesa, extremamente insegura, permitia avanços perigosos de Mora e Amarildo, os dois ponteiros, que da li-

nha de fundo cruzavam para a área em busca das cabeçadas de Altafini (o ex-Mazzola da seleção brasileira). Aos 4 minutos, porém, Amarildo resolveu inverter a jogada. Passou por Lima na corrida e, ao invés de centrar alto, tocou rasteiro para trás, na direção de Trapatoni, que vinha apoiar o ataque. O quarto-zagueiro italiano acertou um chute fortíssimo que venceu Gilmar. Pouco depois, aos 15 minutos, Gianni Rivera, o garoto-de-ouro de Milão, levantou uma bola na área, na direção de Amarildo. O brasileiro saltou entre Haroldo e Lima e, de cabeça, marcou o segundo gol para os italianos. O delírio nas arquibancadas de San Siro era total quando o austríaco Alfred Habermann deu por encerrado o primeiro tempo da partida.

O time do Santos voltou mais tranquilo para o final do jogo e antes dos 15 minutos diminuiu a diferença para 2 a 1. Recebendo um lançamento em profundidade de Pepe, Pelé, aos 12 minutos, chutou de pé direito, cruzado, sem qualquer chance de defesa para Ghezzi. As esperanças do Santos, contudo, morreram pouco depois. Rivera, vendo que a defesa do Santos estava adiantada, tocou na frente para Amarildo. O ponteiro do Milan, demonstrando estar numa noite inspirada, bateu Lima na corrida e chutou quando Gilmar tentava fechar o ângulo. Aos 36 minutos, novamente apanhando os zagueiros do Santos avança-

No primeiro jogo no Rio, o gol de Mo



Jogando na base da retranca, o Milan fez o possível no terceiro e último jogo. No final, porém, a categoria do time do Santos acabou prevalecendo, e Mauro, no vestiário, pôde levantar a taça.



dos, Lodell esticou um passe para Mora que, entre Geraldino e Calvet, só teve o trabalho de deslocar Gilmar. Finalmente, aos 40 minutos, surgiu o último gol do jogo. Pepe chutou e quando a bola ia entrando, o zagueiro David cortou com a mão. O juiz marcou o pênalti e Pelé tomou posição para a cobrança. Amarildo, então, correu até o goleiro Ghezzi para alertá-lo sobre a paradinha de Pelé. Os jogadores do Santos ficaram irritados com a atitude de Amarildo, mas Pelé não ligou. Correu, deu a paradinha e colocou a bola num canto enquanto Ghezzi — com toda a instrução de Amarildo — pulava para o outro. A satisfação dos jogadores do Santos com o gol de Pelé não chegou para esquecer o placar elevado da derrota — Milan 4 x 2 Santos.

A RESPOSTA NO RIO

Quando o time do Milan chegou ao Rio, para disputar a segunda partida, encontrou um clima de revanche. Os jogadores e dirigentes do Santos estavam inconformados com as provocações sofridas na Itália e queriam, a qualquer preço, uma vitória esmagadora. Acontece, porém, que Pelé não poderia jogar. Sentindo um músculo da coxa, o *Rei do Futebol* fora afastado dos treinos e seu substituto seria Almir. O Milan não tinha problemas. Só pensava em garantir o empate e deixar o Maracanã com o título mundial. Uma boa retranca, com Maldini de *libero*, e contra-ataques rápidos, através de Mora, Altafini e Amarildo, poderiam perfeitamente surpreender o Santos, obrigado, pelas circunstâncias, a jogar de maneira ofensiva para arrancar a vitória e forçar o jogo desempate. Era uma questão de estratégia e de paciência.

Na noite de 14 de novembro de 1963, o Maracanã estava apinhado: 132.728 pessoas pagaram ingressos para verem o Santos, mesmo sem Pelé, derrotar o convencido e arrogante time do Milan. Quando o argentino Juan Brozzi deu ordem para começar a partida, o estádio parecia explodir de ansiedade. O Santos jogava com Gilmar, Ismael, Mauro, Haroldo e Dalmo; Lima e Mengálvio; Dorval, Coutinho, Almir e Pepe. O Milan, com Ghezzi, David, Maldini, Trappatoni e Trebbi; Pelagalli e Rivera; Mora, Lodetti, Altafini e Amarildo. Os planos dos italianos, golpear de surpresa, começaram a surtir efeito logo de saída. Aos 10 minutos, assim como acontecera em Milão, Amarildo livrou-se de Lima e, da linha de fundo, centrou forte para a área. Altafini, correndo entre Mauro e Haroldo, teve chance de testar para as redes. Dez minutos depois, igualmente repetindo um lance ocorrido no Estádio de San Siro, Mora recebeu um passe em profundidade e chutou com precisão no momento em que Gilmar tentava deixar a baliza para obstruí-lo. O time do Santos, com um 2 a 0 inesperado, parecia totalmente desbaratado. Por isso, quando Juan Brozzi apitou o fim do primeiro tempo, os jogadores parecem



respirar aliviados. A pressão do Milan fora realmente intensa. A sensacional reação estava reservada para a etapa final. Aos 4 minutos, David cometeu falta em Pepe, na altura da intermediária. O ponteiro do Santos aguardou a formação da barreira e disparou um chute fortíssimo: Ghezzi, estático, só percebeu que a bola entrara quando a torcida comemorou o gol. Quatro minutos depois, já debaixo de uma chuva torrencial, veio o empate. Dalmo cobrou uma falta, na lateral da área, e Mengálvio, cabeceando de raspão, tocou a bola entre Ghezzi e a trave. A partir daí, com o gramado inteiramente alagado, as jogadas passaram do plano de conjunto para as tentativas individuais, pois qualquer passe ameaçava deixar a bola parada numa poça de água. E foi numa jogada individual, desde a intermediária, que Lima, aos 16 minutos, aproximou-se da área e chutou para marcar o terceiro do Santos. Aos 21 minutos, por fim, veio o último gol: Pepe, novamente batendo com extrema violência uma falta por ele mesmo sofrida, venceu a barreira e fixou o placar espetacular da vitória do time de Vila Belmiro: Santos 4 x 2 Milan.

A VITÓRIA FINAL

Dois dias depois, num ambiente de grande tensão, Santos e Milan voltaram ao Maracanã para a negra decisiva. O árbitro argentino Juan Brozzi, apesar dos protestos dos italianos, foi mantido e as equipes entraram em campo assim formadas: Santos — Gilmar, Ismael, Mauro, Haroldo e Dalmo; Lima e Mengálvio; Dorval, Coutinho, Almir e Pepe. Milan — Balzarini (Barluzzi entrou antes do término do 1.º tempo), Pelagali, Benitez, Trappatoni e Trebbi; Maldini (jogando de *libero*), Lodetti e Amarildo; Mora, Altafini e Fortunato. Gianni Rivera, contundido, não pode atuar.

Evidentemente, o jogo foi tumultuado e nervoso. Os jogadores começaram logo a usar a violência, mas os italianos não admitiam a intervenção do juiz. Aos 29 minutos do primeiro tempo, ocorreu a jogada que decidiu a partida. Lima centrou alto sobre a área, na altura da marca do pênalti, para Almir. O jogador do Santos, um pouco atrasado, talvez não tivesse oportunidade de marcar o gol. Maldini, porém, perturbado e afobado, saltou para cortar e, inexplicavelmente, acertou um pontapé na cabeça de Almir. Juan Brozzi, apesar de todas as pressões, não teve dúvidas: marcou o pênalti. Formou-se então um tumulto. O zagueiro Maldini, capitão da equipe, tentou agredir o juiz e foi expulso de campo. Os outros, inconformados, ameaçaram abandonar o gramado, mas acabaram desistindo. Dez minutos depois, Dalmo preparou-se para a cobrança. As 120.421 pessoas que estavam no Maracanã prenderam a respiração quando Brozzi apitou. Dalmo caminhou, fez uma rápida ginga de corpo, e, de pé direito, tocou no canto esquerdo de Balzarini. O goleiro, que se contundira e jogava com uma





atadura na cabeça, saltou, mas não conseguiu impedir o gol: Santos 1 a 0. O resto do jogo foi nervoso e cheio de lances de indisciplina. Ismael perdeu a cabeça, agrediu Amarildo e também recebeu ordem de deixar o campo. No final, entretanto, o time do Santos soube manter o escore, tocando a bola e garantindo o título de bicampeão mundial de futebol. Naquela noite de Santos 1 x 0 Milan, o Maracanã viu uma nova festa da equipe paulista. Uma festa de um time acostumado a conquistar vitórias sensacionais e que mostrara que mesmo sem Pelé ainda era poderoso. Nas três partidas, o Santos marcou 7 gols (Pelé 2, Pepe 2, Melgálvio, Lima e Dalmo) e sofreu 6.



Depois de todo o tumulto, Dalmo, com muita tranquilidade, bateu o pênalti, não dando chance a Balzarini

